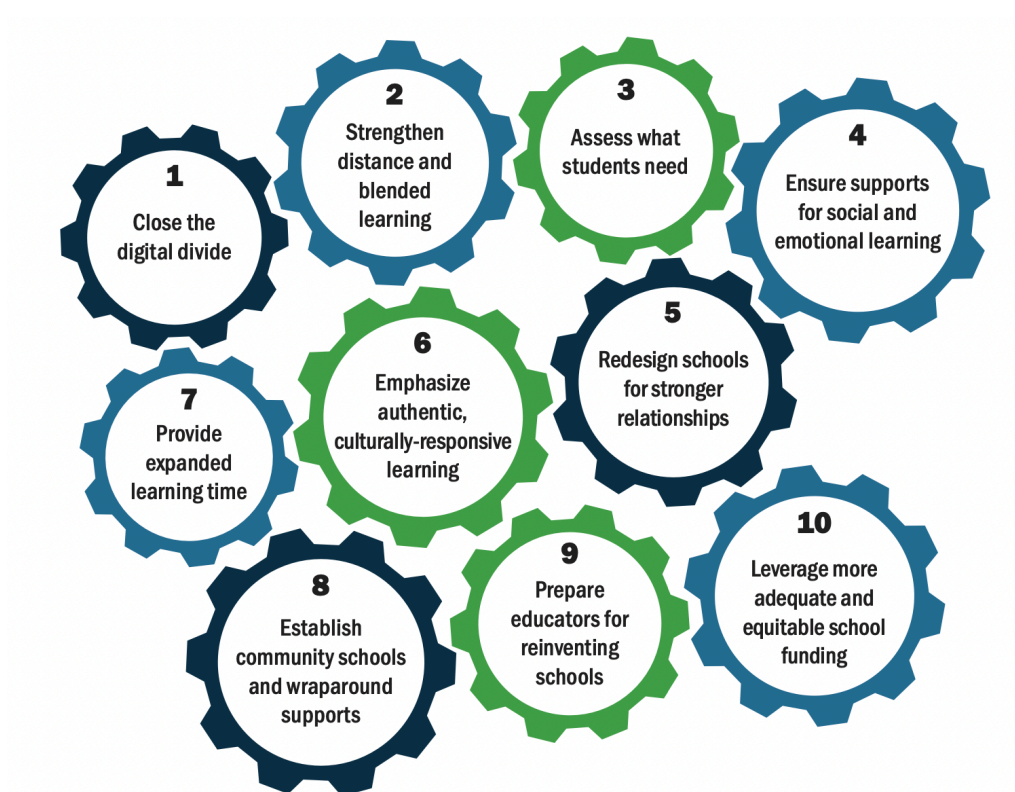


DESAFIOS 34

CADERNOS DE TRANSFORMAÇÃO

MARÇO DE 2021



PARA UM REGRESSO A UMA OUTRA ESCOLA

SAME – SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA - UCP

PORTO | 2021

Ficha técnica

Título: Para um regresso a uma outra escola

Direção: José Matias Alves

Autores: José Matias Alves, Lídia Serra, Margarida Araújo

Edição deste número: José Matias Alves

Composição: Francisco Martins

Local de edição: Rua Diogo Botelho,1327 | 4169-005 | Porto | Portugal

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia

Ano e mês: 2021, março

ISSN: 2183-7406

Foto de capa: LearningPolicyInstitute.org



Índice

10 Propostas para uma reinvenção da Escola.....	4
Redenção - A escola na sua relação com o aprender... ..	12
O impacto do segundo confinamento.....	18

10 Propostas para uma reinvenção da Escola



José Matias Alves¹

Esta edição reúne dois textos de duas doutorandas de Ciências da Educação da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. O desafio era o de pensar a escolarização depois da turbulência dos tempos que se iniciou em março de 2020. O de pensar o que tínhamos aprendido com o ensino remoto de emergência, o que tínhamos sonhado para um regresso a uma escolarização tendencialmente presencial. Saber, enfim, o que tínhamos com as prisões domésticas, com o ensino a distância, com o teletrabalho, com os confinamentos e as múltiplas clausuras.

O desafio foi feito a muitos professores, diretores, alunos de doutoramento. E o primeiro destino era uma publicação na página do Facebook do Católica Porto Educação que persistentemente se tem ocupado destas matérias. Mas, dada a densidade e extensão destes dois textos, decidimos autonomizá-los num caderno *Desafios*. E aqui está. Como diretor e editor deste número, seja-me permitido enunciar alguns dos imperativos deste tempo e que seguramente se vão projetar para o futuro próximo da educação. Faço-o, seguindo a publicação infra citada do *Learning Policy Institute*, mas indo bastante além das concetualizações aí enunciadas. Seguem-se 12 linhas para uma ação imperativa, plural, imaginativa, criadora de práticas inovadoras.

1. Eliminar progressivamente as desigualdades no acesso a equipamentos e tecnologias digitais.

É a ação mais óbvia (e mais fácil): dotar todas as escolas de equipamentos e de redes de internet poderosas que permitam um largo e rápido volume de dados. Mas também as famílias. E mais importante do que os equipamentos que chegarão mais mês

¹ jalves@porto.ucp.pt



menos mês, é imperativo dotar todo o país de uma rede de internet de banda larga para que o acesso aos dados seja fácil e rápido. Portugal sofre ainda de gritantes assimetrias neste campo. O Estado não pode deixar nas mãos da iniciativa privada dos operadores a resolução deste problema. Tem de exigir que os operadores cumpram um imperativo dever público de facultar a todos os cidadãos este acesso básico. Tão básico como a eletricidade, o saneamento, a água. E os Municípios têm também aqui um poderoso papel a desempenhar e a cumprir.

2. Conjugar o ensino on line com o ensino presencial, gerando novas e plurais dinâmicas de aprendizagem.

Continuamos focados num modelo binário de pensamento: preto | branco; ensino on line | ensino presencial. Esta dicotomia não faz mais sentido. Precisamos de reinventar os modelos de escolarização e de aprendizagem. Podemos ter alunos a aprender em múltiplos espaços do espaço público: nas bibliotecas, nas praças, nos jardins, nas ruas – esta é uma dimensão essencial da *cidade educadora*. Precisamos de ter grupos em aprendizagem remota e em aprendizagem presencial. Precisamos de um modelo de aprendizagem muito mais flexível e colaborativo. Veja-se, por exemplo, um caso específico, retirado da publicação citada infra:

Example A/B Schedule

A/B Week Rotations of Groups of Students

	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday
Week 1	Group A (On-Site)	Group A (On-Site)	Group A (On-Site)	Group A (On-Site)	School Cleaning/ Teacher Planning/Office Hours/Professional Learning
	Group B (Remote)	Group B (Remote)	Group B (Remote)	Group B (Remote)	
Week 2	Group B (On-Site)	Group B (On-Site)	Group B (On-Site)	Group B (On-Site)	
	Group A (Remote)	Group A (Remote)	Group A (Remote)	Group A (Remote)	

Source: Johnston Community School District. (2020). Return to Learn: Hybrid Learning Model (Draft).

3. Avaliar sistematicamente o que os alunos precisam de aprender e indicar os caminhos das possibilidades.

Esta é uma das dimensões mais relevantes da ação educativa. Ensinar o que os alunos precisam de aprender. Ensinar o que está no currículo prescrito. Mas, sobretudo,



ensinar o que necessário para viver, para compreender e intervir no mundo. Para além do currículo. Porque só deste modo faz sentido o *slogan* das *pessoas primeiro*. E avaliar se estão a aprender. E como os alunos são diferentes é preciso uma avaliação ao serviço das aprendizagens de cada um dos alunos. E dar o *feedback* necessário para que corrijam o erro, melhorem as aprendizagens, indicando os caminhos das aprendizagens (auto e hétero).

4. Garantir suportes presenciais e a distância para a aprendizagem social e emocional.

Sabemos que a aprendizagem é um processo individual e social e requer um equilíbrio e um bem-estar emocional. Por isso é que literatura nos sinaliza a centralidade de um *clima positivo e seguro* que gera confiança em si e nos outros. Confiança nas redes relacionais. E isto é verdade nas turmas, na escola, nos recreios, e em casa.

Na escola, nos tempos pós-confinamento, precisamos de ativar muito os tempos de encontro e de interação, de reforçar o trabalho em grupo, o trabalho em projetos comuns. Precisar de geografias de espaços que permitam ativar múltiplas comunicações e interações. Comunicar, comunicar, comunicar pode ser a palavra de ordem essencial. No exemplo que aqui apresentamos vemos o desenho de uma escola onde alunos e professores trabalham em qualquer lugar em torno de um tema, problema, projeto em pequenos grupos. O tempo das aulas em autocarro tem de terminar rapidamente.

Ways That Social and Emotional Learning Can Be Integrated Throughout the School Day



5. Redesenhar as escolas (na gestão dos espaços, dos tempos, do agrupamento dos alunos) para relacionamentos mais fortes e saudáveis.

O tópico anterior já nos convocava para pensar e praticar as aprendizagens em situações, ambientes e espaços diversos. A escola tem de evoluir de um *menu único pronto a vestir/engolir* para menus de aprendizagens flexíveis, diversos, múltiplos e que respondam às necessidades dos alunos. Para que isto seja possível, os agrupamentos de alunos têm de ser outros, a turma, podendo continuar a ser uma referência, não pode assumir a fixidez habitual, as equipas docentes tem de ter o poder de reorganizar a oferta educativa em função das necessidades de cada pequeno grupo de alunos. Isto obriga a refundar a gramática tradicional e a adotar novas soluções para fazer aprender os alunos.



6. Enfatizar uma autêntica aprendizagem cultural e social territorialmente implicada.

A escola existe para servir as pessoas dos alunos, para servir a comunidade onde está inscrita. Há toda uma história, uma tradição, redes (sociais, económicas, culturais...) que têm de estar presentes num processo de aprendizagem. Esta é uma das razões centrais para a existência de um projeto educativo local que se não limite ao interior da escola. O currículo nacional tem de estar inscrito no local onde as pessoas vivem. E isto existe uma auscultação, uma escuta, uma implicação.

7. Providenciar um tempo de aprendizagem mais rico, flexível e eventualmente alargado, mas segundo as necessidades (diversas) dos alunos.

Como sabemos o tempo é uma variável chave da aprendizagem. Os alunos não aprendem todos no mesmo ritmo nas diferentes matérias. É por isso uma aberração fabril que todos tenham o mesmo tempo a tudo. O desafio da personalização tem de implicar uma atenção ao particular, ao singular para que se ajustem as respostas. Para isso, o diagnóstico preciso do que se sabe/não se sabe é algo de fundamental para se acertar na resposta. Nesta circunstância, não faz sentido decretar a universalização de mais tempo para compensar aprendizagens perdidas. O que faz sentido (também aqui) é estudar a situação de cada pessoa e ajustar a resposta temporal.

Wyoming's Framework for Digital Learning



Source: Wyoming Department of Education Digital Learning Plan.

8. Reforçar os laços das escolas com a comunidade e praticar o conceito das “cidades educadoras”.

O conceito de *cidades educadoras* é algo de poderoso e relaciona-se com a inscrição da escola no território. Sair das salas de aulas e ir pesquisar e procurar para a rua, para ambiente, para os bosques, para os parques que existem quase em todo lado obriga a repensar toda a pedagogia da exposição e da passividade.



9. Incentivar os educadores para uma reinvenção das práticas de escolarização [mais reflexão, mais colaboração, mais interdisciplinaridade, mais integração, mais diversidade de respostas].

Os modos de trabalho docente estão ainda maioritariamente prisioneiros de uma ação solitária, individual, segmentada, disciplinarizada. Precisamos de evoluir para pensar, planear e praticar modos mais articulados e integrados de gerir o currículo. Partir de temas-problema, partir de situações polémicas que nos interpelam e colocar os alunos em situações de procura sistemática de respostas.

10. Promover um financiamento da escola mais adequado e equitativo gerando mais coesão e justiça social.

As escolas têm já hoje recursos financeiros que provêm de múltiplas fontes e são recorrentemente convidadas a concorrer financiamentos, nomeadamente no âmbito europeu. Os TEIP são outro dispositivo salutar de discriminação positiva. Mas o Estado tem aqui uma palavra importante dotando os orçamentos correntes das escolas de verbas para que elas próprias contruam os seus próprios projetos de Investigação,



Inovação & Desenvolvimento, prestando, naturalmente contas dos processos e dos resultados alcançados.

Propostas elaboradas a partir de:

Darling-Hammond, L., Schachner, A., & Edgerton, A. K. (with Badrinarayan, A., Cardichon, J., Cookson, P. W., Jr., Griffith, M., Klevan, S., Maier, A., Martinez, M., Melnick, H., Truong, N., Wojcikiewicz, S.). (2020). *Restarting and reinventing school: Learning in the time of COVID and beyond*. Palo Alto, CA: Learning Policy Institute.



Redenção - A escola na sua relação com o aprender...



Lídia Serra²

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive
(Fernando Pessoa)*

A comunidade educativa, novamente convocada a encarar um segundo confinamento, vê-se mais uma vez desafiada a colocar calços estruturais nos pilares que soerguem a educação, em processos de permanente reação / adaptação e cujo enfoque decorre dos papéis desempenhados pelos vários atores educativos: órgãos de direção e gestão escolar, estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica, professores, alunos e pais e encarregados de educação e assistentes operacionais.

Sob o desígnio da aceitação da condição de confinamento, mas secundando uma lógica de empoderamento decorrente da reatividade que despontou das fragilidades percecionadas na primeira escalada pelo ensino à distância, as respostas, agora, mais articuladas e enriquecidas pela partilha, pela formação e pela experiência continuam sombreadas por dificuldades que germinam numa escola massificada, que embora *online* está ainda mais marcada pelas desigualdades sociais. Por conseguinte, afiança-se como necessária uma escola mais compreensiva e democrática, mais relacional e integradora, mais inclusiva e geradora de oportunidades. Assim, o espírito da redenção afirma-se nos discursos pedagógicos que interpelam a olhar a sala de aula como um ecossistema social, onde a estrutura e as dinâmicas demandam mudanças acentuadas pelo clima de transitoriedade que vivemos, onde invernos assombreados – os

² Doutoranda em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa



problemas emergentes do confinamento - poderão dar lugar a primaveras luminosas – a procura de soluções inovadoras numa escola de reencontros.

É a redenção da escola na sua relação com o saber e com a forma de organização do trabalho escolar. É a redenção face aos desafios impostos pelas diferenças e pela diversidade na sala de aula, onde o ensino à distância e o retorno ao presencial torna o mundo das escolas ainda mais complexo. Vivendo com ansiedade e frustração as dificuldades, os insucessos... professores e alunos partilham o *long-run learning impact da COVID*, efeito alertado no *policy brief – Education during COVID19 and beyond* da ONU (De Giusti, 2020, p.9), apresentado em agosto de 2020, quando cita o modelo matemático desenvolvido e, posteriormente, publicado por Kaffenberger (2021, p.4) que estima perdas até 1,5 anos de aprendizagem. Presentemente, o alerta da ONU demanda um olhar reflexivo, analítico, intencional, consciente e proativo, mas simultaneamente compreensivo, sobre o processo de ensino aprendizagem ocorrido no primeiro confinamento, no pós-primeiro confinamento, no segundo confinamento e no desconfinamento que se sucede. O desafio de mitigar o crescendo de dificuldades de aprendizagem, reflexo das desigualdades económicas, sociais e individuais entre alunos, impostas pela transitoriedade entre modalidades de ensino, demanda intervenções refortalecidas, consolidadas e planeadas em comunidades de práticas. Estas comunidades, operando de forma sustentada com base na recolha e análise de informação permanente sobre o decurso do processo de ensino aprendizagem, detêm o valor de produzir uma pedagogia regulada e sustentável, onde o questionamento sobre as práticas e sua subsequente reformulação detêm o poder para mitigar ou mesmo contrariar a espiral regressiva determinada pelos confinamentos, as ondas de choque que lhes são inerentes e o efeito do *long-run learning impact* da COVID-19.

O desafio de refortalecimento dos calços estruturais nos pilares que soerguem a educação aconselha a olhar atentamente: para o ***aprender a conhecer***, incidindo sobre a aquisição de instrumentos de compreensão; para o ***aprender a fazer***, e assim fortalecer a capacidade de aplicar na prática os conhecimentos teóricos, de agir sobre o meio envolvente e de desenvolvimento da comunicação; para o ***aprender a viver juntos*** enquanto contributo para uma formação cidadã, na valorização do social e da coletividade em detrimento da individualidade; e para o ***aprender a ser***, pilar da



educação que interpela à integração dos anteriores e que se assume como corolário da Educação que atenta para a formação integral e proativa das crianças e jovens. Urge a mudança para práticas centradas no aluno enquanto reforço do seu desenvolvimento e a direitura rumo ao coletivo pedagógico em oposição à fragmentação da ação docente, numa geometria de elementos que se conjugam para servir de inspiração, de estímulo à melhoria das aprendizagens.

Impõe-se, assim, a *redenção da escola* a vários níveis face à multidimensionalidade da ação pedagógica. A saber:

A redenção ao nível da forma de trabalho dos professores. Uma escola com a conspeção do fortalecimento do sentido de pertença a uma comunidade que evolui, uma comunidade aprendente, uma comunidade onde a cooperação entre os elementos gera interações mutualísticas, em que a escola se assume como um ecossistema estruturado e dinâmico que empodera os professores. Desta forma, sob o desígnio do verdadeiro trabalho colaborativo, ou seja, trabalho colaborativo educacionalmente consequente (Cabral & Matias Alves, 2016, p.82) favorece-se a geração do pensamento sistémico em relação ao *fazer educação* porque o que caracteriza uma comunidade de prática como tal é a focalização nas aprendizagens dos alunos (Machado & Formosinho, 2016, p.29).

A redenção ao nível do desenvolvimento curricular. É necessário interiorizar e integrar no dia a dia das escolas outras formas de ler o currículo, abandonando-se a retórica da prescrição curricular para se assumirem abordagens em que se apela à agência do professor. O professor como agente que atua e constrói currículo, que assume práticas de coautoria curricular em construções e asserções que interpelam à inovação na sala de aula e à metamorfose das escolas.

A redenção ao nível do digital. A integração das tecnologias de informação e comunicação no quotidiano da sala de aula em processos de materializada significância, valorização, renovação e emancipação das práticas de aprendizagem e da cidadania é um requisito para a inovação de acordo com as orientações da OCDE (2017). Trata-se de alocar à profissionalidade docente, melhores competências digitais com potencial de desenvolvimento das próprias competências digitais dos alunos. Contudo, aceitar o imperativo das tecnologias digitais é outra realidade, que uma vez assumida, não pode



de modo algum secundarizar o papel do professor na aprendizagem em meio escolar, sabendo-se que é da relação pedagógica que se fortalece a motivação para aprender, não sendo possível que a escolarização corresponda a aprendizagem quando os alunos se ausentam pessoal e mentalmente da escola (Pacheco, 2019, p.9).

A redenção na forma de trabalho com os alunos. É preciso precipitar o fim do *magister dixit*, uma linguagem ainda presente nalgumas salas de aula. Segundo Fullan et al. (2019, p.122) a base do trabalho em sala de aula, se pretendida uma aprendizagem profunda, pressupõe seis competências globais: o caráter, a cidadania, a colaboração, a comunicação, a criatividade e a criticidade. Os 6C constituem as palavras de ordem na mudança das práticas a par da interiorização e da apropriação da mensagem plasmada no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, cujos valores, princípios e as dez áreas de competência se afirmam como grandes eixos para engajar o ensino aprendizagem. Metodologias ativas, como a *Project Basead Learnin*, *Theme Basead Learning*, *Challenges Basead Learning*, *Gamified Basead Learning*, *Problem Solving Basead Learning*, *Media Social Learning*, *Inquiry Basead Learning*, *Task Design Learning*, *Design Thinking*, *Storytelling*, aprendizagem colaborativa, estudo de caso, abordagem STEM integrada, aula invertida, etc... são soluções a considerar, quer em trabalho disciplinar, quer em ambiente interdisciplinar.

A redenção para com a interdisciplinaridade. Abordagens contextualizadas do currículo, em exercícios cabais de operacionalização da autonomia e flexibilidade curricular pelas escolas em domínios de autonomia curricular, são percursos de inovação que têm de ser aprofundados, ampliados e sistematizados no quotidiano escolar. A mudança da gramática escolar traduzida no descentrar do processo educativo do foco disciplinar para predispor intervenções que considerem a ferramenta da pluridisciplinaridade na planificação e realização do ato pedagógico, asseguram a alteração dos papéis dos atores educativos, onde os professores se assumem como mediadores e moderadores do ensino aprendizagem e os alunos ocupam o centro da cena pedagógico-didática. Este desiderato requer, na prática, alterações profundas na cultura da escola e na cultura profissional docente, socializados numa perspetiva essencialmente didática e relacional (Machado, 2018, p.16).



A redenção na forma de avaliar. Avaliar para as aprendizagens é uma inteção da avaliação formativa enquanto ferramenta ao serviço de mais e melhor aprendizagem. Com impacto inegável sobre os alunos nas vertentes do *feed up, feedback e feed forward* detém, ainda, maior potencial de impacto sobre as aprendizagens por, paralelamente, potenciar a redefinição da ação na dimensão estratégica e, a montante, ao nível da intervenção sobre o currículo numa assunção plena da coautoria curricular. Trata-se de usar a avaliação com intenção de ampliar a adequação permanente entre as estratégias de ensino aprendizagem, num processo de sustentabilidade do ato pedagógico. Avaliar para as aprendizagens é avaliar para sustentar a aprendizagem dos alunos e o desenvolvimento da profissionalidade docente, colocando-se o ónus no facto de a aprendizagem especificamente humana ser a razão que procede por atividade de intercompreensão, pluralmente co-urdidas pelo questionamento, por dúvida e controvérsia. (Lourenço-Gil et al., 2020, p.48).

O espólio deixado por um ano de COVID no ensino ainda não pode, no essencial, ser mensurado. Certamente, há perceção de uma herança que deixou sequelas ao nível do desenvolvimento das aprendizagens, das capacidades e das atitudes, bem como, ao nível do desenvolvimento social dos alunos. Contudo, também espoletou o desenvolvimento digital, a inovação educativa e o próprio desenvolvimento da profissionalidade docente. Seis roteiros de redenção foram enunciados nesta narrativa, seis focos que podem apresentar-se como caminhos para a continuidade da *praxis* na escola, no pressuposto de produzir melhor educação e o empoderamento das escolas. A escola, no cumprimento da sua função educativa, não *per se* e num processo mais ou menos expectável e previsível, mas num processo que se transforma todos os dias, enfrenta a mudança que desafia todos e cada um a pensar a escola e os processos de ensino e de aprendizagem de forma contextualizada, criativa, competente e colaborativa (Palmeirão & Alves, 2018, p.5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cabral, I., & Matias Alves, J. (2016). Um modelo integrado de promoção do sucesso escolar (MIPSE) - a voz dos alunos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 16(Escolas Melhoria e Transformação), 81–113.



De Giusti, A. (2020). Policy Brief: Education during COVID-19 and beyond. *Revista Iberoamericana de Tecnología En Educación y Educación En Tecnología*, 26, e12. <https://doi.org/10.24215/18509959.26.e12>

Fullan, M., Quinn, J., & Mceachen, J. (2019). Book Review: Deep Learning: Engage the World Change the World. *Journal of Catholic Education*, 22(2), 122–127. <https://doi.org/10.15365/joce.2202082019>

Kaffenberger, M. (2021). Modelling the long-run learning impact of the Covid-19 learning shock: Actions to (more than) mitigate loss. *International Journal of Educational Development*, 81(October 2020). <https://doi.org/10.1016/j.ijedudev.2020.102326>

Lourenço-Gil, R., Cabral, I., & Matias Alves, J. (2020). Autonomia organizativa: o organograma perscrito e a sua construção na organização estatal. In I. Cabral & J. Matias Alves (Eds.), *Gestão escolar e melhoria das escolas* (1ª, pp. 99–128). Fundação Manuel Leão.

Machado, J. (2018). Autonomia, currículo e liderança: na crista da onda de um paradoxo. In C. Palmeirão & J. Matias Alves (Eds.), *Escola e mudança: construindo autonomia, flexibilidade e novas gramáticas de escolarização - os desafios essenciais* (1ª). Universidade Católica Portuguesa.

Machado, J., & Formosinho, J. (2016). Equipas educativas e comunidades de aprendizagem. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional - Escolas, Melhoria e Transformação*, 16, 11–31.

OECD. (2017). *Schools at the Crossroads of Innovation in Cities and Regions*.

Pacheco, J. A. (2019). *Inovar para Mudar a Escola* (1ª). Porto Editora.

Palmeirão, C., & Alves, J. M. (2018). *Escola e Mudança: Construindo autonomias, flexibilidade e novas gramáticas de escolarização - os desafios essenciais*. www.porto.ucp.pt



O impacto do segundo confinamento



Margarida Araújo³

Este será o balão de oxigénio por todos esperado há muito tempo. A Primavera aproxima-se trazendo consigo o sol e a esperança para TODOS. Os dias cinzentos à lareira acabaram e eu agora recordo aquele quinze de janeiro com grande resiliência em que não foi preciso muito tempo, tardou apenas o fim de semana, não mais que isso, para a *stora* entrar subtilmente através da plataforma Zoom e invadir, como outrora, o espaço privado dos cachopos. Foram apenas uns segundos, somente alguns segundos, o tempo suficiente para a *stora* “matar” as saudades dos seus alunos. A mesma que, com a voz tremula, lhes manda beijinhos e deseja que todos se encontrem de plena saúde porque ***tudo vai correr bem***.

Refere-se às saudades dos alunos e esforça-se, momentaneamente para não se emocionar enquanto profere algumas palavras sentidas. A *stora* quis passar a ideia de que, não são apenas os alunos que estão a reagir a este período pandémico e ao estranho momento que se vive. Na realidade é uma dualidade de afetos e relações que fazem parte do mesmo todo.

Faz hoje dois meses que as escolas estão fechadas e nós? - Nós continuamos a cumprir o dever de recolhimento domiciliário. Não, desta vez as escolas nem são consideradas o principal foco de contágio e transmissão do vírus, esta medida de encerramento, serviu para proteger alunos, professores e pessoal não docente obrigando ao cumprimento de medidas de proteção individual e de restrição à circulação.

Contra todas as expetativas, mas para bem social, alterou-se a vida de tantos docentes, discentes e dos seus familiares. Desta vez a culpa, dizem ter sido dos convívios

³ Doutoranda em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa



de Natal, festas de família, a entrada no Ano Novo ou qualquer outra festa de cariz privado. A este propósito, referiu o nosso primeiro ministro *“Isto só significa que temos mesmo o dever cívico de reforçar este nosso confinamento porque, para além da saúde, para além das vidas, temos também de apressar o controlo desta situação para prejudicar o menor tempo possível o processo de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças que ficarão inevitavelmente afetadas por esta interrupção das atividades letivas”*.

Voltámos aos momentos de preocupação e de angústia. Será que a história se volta a repetir? Como viveremos os novos desígnios? Iriemos nós deixar suspensas todas as planificações que nos propusemos cumprir este período e este ano letivo, tal como ficou suspensa a atenção de todo o mundo que assiste pálido e sereno às notícias da televisão que narram uma multiplicação do surto, colocando em cheque todas as certezas da vida humana.

Temos que aceitar e fintar de forma inteligente o momento, estabelecendo uma crescente necessidade de certezas por vezes ilusórias ou com alguma insatisfação frívola. A origem do coronavírus impõe-se como uma incerteza que subsiste, um inimigo indomável da condição de vida e que nos leva, segundo refere o filósofo Edgar Morin, a *“navegar num mar de incertezas, através de ilhotas e arquipélagos de certezas nos quais nos reabastecemos.”*

Face ao contexto, e com toda a certeza, os professores nunca mais serão os mesmos após a pandemia pela Covid 19.

Vivenciamos, neste novo ano um tempo de mudanças de cenários e de atores em diversas dimensões sociais. Na educação, de forma geral, e na classe docente de forma particular. O mundo alterou rotinas é certo, e não voltaremos “ao normal” porque esse... esse será uma nova realidade e um novo tempo que, Sophia de Mello Breyner Andresen entende ser um *“tempo de solidão e de incerteza, um tempo de medo e tempo de traição, um tempo de injustiça e de vileza, e um tempo de negação”*.

A Covid 19 antecipou, de forma mágica e abrupta o que se previa num futuro a médio/ longo prazo. Impôs-se aos professores e educadores situações múltiplas e de controlo simultâneo do seu estado de espírito e das emoções perante a situação que os assola (os mesmos sentimentos de medo, ansiedade, e incerteza que consomem alunos



e encarregados de educação). A urgência em garantir o acesso aos meios tecnológicos indispensáveis (esta falta de dispositivos físicos que também se verifica nos professores), e a reestruturação fundamental da sua vida pessoal e familiar perante à situação de confinamento. Este cenário assume o desafio severo e meticuloso em conciliar teletrabalho e a proteção de filhos menores ou idosos ao seu cuidado, conjugando estes estados com o cansaço acrescido que daí resulta. Este confinamento aumenta de forma acentuada a tensão e o desgaste emotivo a que esta classe se sujeita e teve que readaptar um novo modelo de ensino. Deste feita, um ensino denominado de “remoto”.

Houve neste interregno necessidade de se alterarem as políticas pedagógicas através de novas estratégias de ensino, que passaram por uma maior focalização na relação de proximidade entre o professor e o aluno. Sendo certo que, o corpo docente funciona como alavanca, exigiu-se também uma mudança de comportamentos e atitude dos professores para não perderem a conexão com os alunos e prosseguirem o seu desígnio e propósito em manter as suas aprendizagens fazendo aparecer os resultados. Os professores são na realidade artífices do conhecimento e em momento algum o seu papel foi tão valorizado e elogiado por demonstrar a sua exigência e dedicação profissional que extrapola a sua caminhada de trabalho impondo esforço intelectual, físico e emocional nunca reconhecido por todos, tão afincadamente como durante este atípico período.

1. As Dificuldades

Estes dois meses de novo confinamento a que se juntaram umas “férias forçadas” vieram consolidar a ideia, anteriormente adquirida face ao primeiro confinamento, de que as instituições formais de ensino deixaram de ser os principais locais de procura de informação e aprendizagem. Neste contexto não podemos confundir o conceito de educação com escolarização, há uma real diferenciação que não se esgota neste período pandémico. A educação, é continua a todos os níveis: social, familiar, escolar. O processo de escolarização é que irá mudar durante este período de quarentena adotando uma nova modalidade de ensino com adequação diferenciada, neste caso o ensino remoto.



Por estes dias procedeu-se rapidamente, e de forma mais eficaz a uma transferência ou replicação do modelo escolar convencional para o modelo on-line, ou ensino remoto, e os desafios para executar as novas políticas educativas emanadas da tutela continuaram inúmeras devido à sua complexidade. O principal desafio, que esta pandemia trouxe foi, de facto, o isolamento social e a impossibilidade de convivência entre os membros da comunidade escolar. Embora saibamos que as aprendizagens não se realizam apenas na escola, ou mesmo nas salas de aula, a relação professor aluno, é uma parte importante e significativa desse processo.

Há também necessidade de encontrarem aprendizagens criativas, que terão de resultar de mentes flexíveis e plenas de capacidades.

As desigualdades que se verificam de forma acentuada entre os alunos, agrava-se em determinados contextos de uma forma grave e massiva. É certo e sabido que a pandemia tem sido a causadora de uma grande disrupção ao nível educativo, pondo em causa o modelo de educação tradicional e tornando ainda mais evidente as fragilidades sociais e económicas dos alunos mais vulneráveis.

Os alunos ficaram mais longe uns dos outros e verifica-se uma maior instabilidade em muitas famílias devido à crise económica. Se corroborarmos a ideia de que o país vive sérias questões de ordem social com contornos problemáticos, onde aproximadamente dois milhões de trabalhadores ficaram em *layoff* ou no desemprego, esta situação reflete-se no desinteresse dos seus educandos e apresenta fortes implicações no funcionamento das famílias, nomeadamente no acompanhamento dos filhos. No entanto estes cenários de assimetria social relativamente aos problemas de educação eram já vivenciados, muito antes da pandemia sendo, agora mais visíveis e ficando mais agudizados.

Foi notório um esforço para proceder à distribuição de material tecnológico e acessos à internet a alunos, beneficiários da ação social escolar, no entanto o ritmo do processo de distribuição não foi suficiente nem feito em tempo oportuno. Perante este contexto, as desigualdades continuam a acentuar-se num cenário bastante delicado relativamente à perceção das aprendizagens adquiridas.

A juntar ao problema social, confirmou-se a tese de que as desigualdades se mantêm e que, na realidade este combate educativo é um processo rico em



complexidade e que ultrapassa muito as soluções até agora encontradas face ao primeiro confinamento, em março de 2020, sendo que, a maioria dos alunos dizia ter equipamentos para desenvolver sem dificuldade aparente um evidente e claro ensino remoto. Existe uma perceção de que as perdas não são iguais para todos, uma vez que os alunos com maior insucesso escolar e com menos autonomia enfrentam maiores obstáculos, pois necessitam de uma melhor consolidação dos conteúdos, consubstanciando-se a ideia de que existe uma maior ausência de resiliência perante esta contrariedade. Estes fatores vão incrementar a distância que os separa dos bons alunos. Depois surge o problema dos alunos socialmente desfavorecidos, que à partida, têm maiores fragilidades apresentando uma completa ausência de fronteiras entre a casa e a escola, quer ao nível do acesso ao digital, quer no apoio dos pais em casa, logo os mais penalizados pela suspensão do ensino presencial.

Os alunos com maior insucesso escolar e com menos autonomia também enfrentaram tremendos obstáculos, pois falta-lhes uma melhor consolidação dos conteúdos, gerando maior escassez de superação perante esta contrariedade. O confinamento, foi uma janela aberta para uma nova visão do professor e da escola em geral. Alterou mentalidades e criou uma maior resistência no que diz respeito à promoção e valorização da função educativa junto dos pais e encarregados de educação.

Contrariamente ao desejado, houve muitos alunos ficaram para trás por diversas circunstâncias. A falta de adaptação ao modelo de ensino remoto, dificuldades de acesso à rede ou em situações mais ténues, em que os seus encarregados de educação tiveram de optar entre uma despesa extra na compra de um computador para as aulas à distância e o abastecimento da dispensa lá de casa.

Contrariando todas as expetativas da tutela, as aulas desta vez continuaram a não chegara a todos os alunos, houve aprendizagens que não se realizaram ficando passíveis de recuperação ao longo do tempo que resta para conclusão do segundo período, ou quem sabe do resto do ano. Alunos perdidos e revoltados! Sim revoltados, porque agora, contrariamente ao que se possa pensar, há professores que não ensinam a quem quer aprender.

O processo de ensino continua a configurar-se demasiado exposto a múltiplas dimensões onde dominam mais as ruturas do que os avanços. Os



professores/educadores tiveram e têm de novo de, num escasso período de tempo, voltar a reinventar o processo educativo, através da adaptação de estratégias pedagógicas e processos de comunicação, adequando-os à circunstância excecional que vivenciamos e aos meios que estão disponíveis com uma inevitável rapidez de adaptação dos programas, metodologias de ensino e processos avaliativos. Não nos podemos esquecer que, neste momento são os professores que avançam a uma velocidade supersónica para implementação, com sucesso do modelo de ensino remoto.

Esta é mais uma oportunidade para o professor se tornar o mediador do processo de ensino e aprendizagem nesta nova modalidade ensino, sendo certo que é impensável pensar uma escola sem professores e alunos, todos se devem manter conectados entre si, e não apenas virtualmente. Não se pode conceber nem aceitar que a pandemia tenha atacado de forma austera o processo educativo, principalmente o foco mais aliciante e fascinante da profissão docente, que é a ligação e a relação. Os professores são na realidade uma classe lutadora, que enfrenta qualquer intempérie e que ainda transportam em si muito cansaço do confinamento do ano passado, não só pela exigência, mas também pela intensidade de trabalho que tiveram de enfrentar.

Este segundo confinamento poderia ter decorrido francamente melhor, todos estávamos a prever que algum desliz nos enviasse, de novo para casa, para tal eventualidade, a lição já estava estudada. O processo educativo que há algum tempo vinha exigindo uma renovação e mudança, infelizmente teve esse processo forçado devido às condições que se impuseram e os professores tiveram que remar contra a maré e desbravar caminho para, com segurança, continuar o vínculo com os alunos permitindo-lhes sentir que ainda são uma parte de um todo, de uma comunidade que busca e procura as condições ideais e eficientes para os seus alunos e principalmente a busca de equidade e oportunidade para todos. Face a tantos desafios que se impõem, é grande a honra de se ter nas mãos, a responsabilidade de preparar, incutir o espírito crítico no aluno e formá-lo para se tornar um cidadão dinâmico dentro de uma vasta e complexa sociedade.

Os professores avançam de novo, sempre em solidariedades para com os seus alunos e colocando, mais uma vez, ao seu dispor a sua privacidade, ambiente familiar e os próprios meios tecnológicos que alternam entre a internet, telemóveis e laptops.



Fizeram-no porque, se habituaram à irresponsabilidade da tutela de não cumprir com a sua parte e com os seus deveres. Não!.... não falamos no aspeto de emissão de ordens, orientações, circulares e outro tipo material avulso. Esse, brota diariamente como giestas no monte, falamos sim no aspeto de criar e solucionar atempadamente problemas criando meios efetivos para a atual situação com que nos deparamos de novo, deixando cada aluno por si ao sabor do vento.

Associado ao distanciamento social imposto pela pandemia, a necessidade de adaptação a um novo modelo de ensino/aprendizagem por meio da mediação de recursos é mais um desafio que podemos juntar a tantos outros, porque ser professor neste momento, e nestas circunstâncias faz-nos pensar e rever a responsabilidade da formação na perspetiva de autonomia e reinvenção da escola como espaço de relevância da aprendizagem para que cumpra seu papel de formar estudantes a fim de interagirem com criatividade, ética e responsabilidade na sociedade em que estamos inseridos.

Ainda se desconhecem quais os papéis a atribuir aos atores e principalmente identificar os requisitos básicos para que professores possam exercer as suas atividades de docência, sem que ocorra a perda da qualidade da educação nessa modalidade de ensino, seja ela à distância ou na modalidade de ensino híbrido.

Quando falamos em papéis e requisitos básicos necessários para que esse educador possa exercer o trabalho da docência, devemos e precisamos, de encontrar o professor ideal tendo em consideração todo o conjunto de informações, conhecimentos, habilidades, formação profissional e pessoal, capacidade de interação e de liderança, empatia, controle, coordenação, interatividade, criatividade, foco, entre tantos essenciais para que esse docente tenha capacidade de abandonar a sala de aula e aceda a um ambiente virtual de aprendizagem.

A classe docente não esmorece e avança a sua luta, mesmo nas maiores tormentas e dificuldades mantendo a firmeza do pensamento de Geraldo Vandré, na sua canção *“vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”*.

Talvez uma das percepções mais evidentes deste período tenha sido a real valorização e o papel do professor no que respeita ao reconhecimento e maior



informalidade não só junto dos pais e encarregados de educação mas também de toda a sociedade. Não nos referimos ao esforço em promover aprendizagens, mas por estes “invadirem” as casas dos alunos na presença dos pais, fomentando uma relação de proximidade e de maior interação, que de outra forma, e em determinadas circunstâncias, se seria quase impensável de ocorrer. Neste sentido os familiares e alunos passaram claramente a dar outro valor à classe docente valorizando todas as suas facetas.

2. As aprendizagens

A meio de janeiro , acontece a brusca rutura com as atividades letivas na forma de regime presencial, os alunos iniciaram as aprendizagens , na maior parte das situações de livre e própria vontade, ou em última instância com novas regras hierarquicamente instituídas, com novo regime de faltas e o uso do laptop com câmara e som ligados obrigatoriamente ou de forma consentida, executando o seu trabalho com recurso ao digital e na procura de métodos de aprendizagem adequados ao novo contexto educativo. Sem surpresa aparente, este período de confinamento continuou a abrir fossos em direção ao encontro com a inclusão continuando a excluir quem se deve incluir. As desigualdades agudizam-se quando toca às aprendizagens dos alunos abrangidos pela educação inclusiva que têm que enfrentar maiores desafios e adotar formas mais eficazes e eficientes para superação do conhecimento e apresentação de conteúdos mais facilitados e acessíveis, sendo certo que a avaliação não acabe por ser injusta.

Ao nível da dimensão pedagógica, o direito à educação foi assim abruptamente privado aos estudantes nos diversos níveis de ensino devido à falta de equidade e igualdade de acesso à instrução. Como referem (Alves & Cabral, 2020, p.96) “o sistema de ensino e aprendizagem foi-se movendo, efetivamente, entre o caos da incerteza, do desconhecimento, da ausência de fronteiras e da fragmentação e da redenção”. Há necessidade de se adotar um vasto conjunto de diligências para ultrapassar algumas destas desigualdades causadas pela grande disrupção ao nível educativo, pondo em causa o modelo de educação tradicional.



Passou de novo a ensinar-se para além dos muros da escola e implementaram-se novas diretrizes, e estratégias como forma de desvalorização das consequências pela suspensão de aulas presenciais e facilitar a continuidade do ensino / aprendizagens de uma forma remota, sendo perentório virtualizar o ensino, convertendo-o num sistema educativo em formas de homeschooling. Os desafios para implementar novas políticas organizativas e educacionais foram e continuam a ser inúmeros, devido à complexidade do processo.

Por estes dias o principal desafio manteve-se. A insuficiência, de dispositivos informáticos disponibilizados aos alunos para colmatar a carência de meios que permitam a realização das aulas em sistema de ensino remoto, sobretudo quando se fala de estudantes da escola pública, continuou a ser a pedra no sapato da tutela e assim sendo, não podemos permanecer indiferentes perante a questão de homeschooling, pois é necessário e obrigatório garantir um sistema de ensino não excludente.

A profissão de professor requer e envolve uma relação e aceitação interpessoal e esta talvez seja o maior dano. A falta do “olho no olho” e das relações entre pares, não só entre professores e alunos, mas também entre alunos e os colegas ou mesmo entre professores, é um dos principais desafios e entraves ao modelo de ensino remoto. Sem esquecer, o empenho e dedicação, o amor e a angústia dos pais, o computador em casa e o sinal de internet foram, dentro do exequível, contextos que possibilitaram que milhares de alunos continuassem a aprender num ambiente responsável facilitador e atuante na criação de um ambiente que os estimula à reflexão, ao pensamento crítico, autonomia, questionamento e à construção de conhecimento ostentado pela gramática do digital e pelas novas tecnologias de informação , apesar da distância física e das saudades da escola.

Deste modo, o tempo gasto no estudo, ou tempo de aprendizagem, é considerado um dos preditores mais favoráveis em termos de oportunidade educativas, logo, durante o período de recolha domiciliário vai causar ainda que de forma indireta uma suspensão do tempo de aprendizagem é consequência de perda de conhecimento. Portanto, uma limitação ou corte brusco na exequível realização das aprendizagens limitará uma oportunidade mais eficaz para aquisição e consolidação de conteúdos por parte dos alunos.



A este propósito surgem alguns constrangimentos análogos ao modo como se estabelecem e se processam as relações de ensino-aprendizagem, sendo que, esta é uma época ímpar e existe uma enorme opressão por parte dos docentes, no que concerne ao facto de terem que liderar uma nova união em termos educativos com os seus alunos, utilizando variados artefactos tecnológicos e programas informáticos, para os quais não houve o tempo indispensável para a uma melhor adaptação, melhores aprendizagem e testagem. Os professores são a classe que representa uma herança outrora adquirida, preservando o melhor do passado para que se possa construir um melhor futuro. Perante esta situação, não possuem margem para o imprevisto, e é imprescindível que as aulas sejam bem preparadas para que haja uma verdadeira transmissão de conhecimento.

Urge assim, não só reinventar novas possibilidades e oportunidades tecnológicas, mas também solidificar e aliar a mesma criatividade de forma que a educação se adequa e atinja as necessidades mais prementes destes alunos.

3. As tecnologias

É impensável pensar que a tecnologia possa substituir a relação entre alunos e professores, ainda que as escolas possam estar dispostas a adotar modelos híbridos e a promover a personalização de currículos adaptativos durante a pandemia. A este respeito, podemos fazer duas leituras distintas da utilização do ensino remoto com base e recurso às tecnologias de informação. Por um lado, é possível continuar a assistir-se ao exercício de boas práticas educativas por outro lado assistimos à utilização de métodos massivos e ultrapassados, subutilizando o potencial das novas tecnologias. No que toca à mudança do ambiente presencial para o ambiente virtual ocasionou, em determinadas circunstâncias, alguma resistência face ao novo modelo. Os alunos não estavam preparados, nem habituados ao uso de novas tecnologias de educação, expressando alguma timidez para se expressarem ou manterem um diálogo fluente (mesmo em alunos diariamente desinibidos), ao nível da organização das tarefas ou em relação a esporádicas dificuldades financeiras e de acesso à Internet. Sendo certo que, estes meios possibilitam um eficaz e inovador modelo de ensino à distância, determinantes para que os alunos se pudessem tornar independentes, aprendendo a



trabalhar e a pesquisarem de forma autónoma. Todavia, esta premissa nem sempre foi comum a todos com a mesma facilidade. Há uma dependência na qualidade de acesso ao ensino muito para além da natureza, origem económica e social das famílias. A discussão sobre a oferta de ensino remoto e o uso do digital envolve neste momento dois elementos fundamentais que se relacionam de forma mutua: saber por um lado, se os docentes e discentes dispõem de recursos tecnológicos (ferramentas de trabalho), tais como: laptops, tablet, telemóveis e internet e por outro, saber qual o desempenho na sua execução e se a implementação do digital pelos professores e alunos é feita de forma otimizada para o desenvolvimento do ensino / aprendizagens. Sendo certo que, por muita tecnologia que exista e se possa utilizar, nada substitui o ensino presencial e esta modalidade de ensino alternativa necessita de se alicerçar na inclusão das tecnologias de informação e comunicação através da utilização de diferentes plataformas digitais merecendo o nosso olhar sobre todo um manancial tecnológico e vastíssimo na educação à distância e nas redes sociais.

Não podemos esquecer que, os meios tecnológicos e o digital não são por si só um fim nem um remédio para as soluções dos problemas educacionais, mas sim meios de ajuda à superação de dificuldades, neste sentido, muitos professores também verificaram que um dos desafios que tiveram de enfrentar foi criar motivação nos alunos para as aprendizagens , uma nova forma de relação de ensino mediada pelas tecnologias.

Esta modalidade de ensino expressa-se hoje em dia de forma bastante facilitada, como uma manifestação da promoção de proximidade virtual entre todos os membros da comunidade num espaço contíguo aos contextos de aprendizagem e que se consubstanciam na diversidade social e cultural de proximidade para com a educação em rede. É fundamental e essencial pensar-se uma Educação (3.0), noção utilizada para conceber a Educação do séc XXI, pressupondo que, grande parte das escolas do ensino básico estão conectadas à Internet permitindo a promoção de uma apropriação em termos cognitivos ao seu manuseamento no que respeita ao nível intelectual e comportamental dos alunos e das suas aprendizagens e como tal, o uso do digital foi fundamental e recorrente no que respeita à realização das aulas síncrona e assíncrona e todo o processo de ensino que medeia entre docentes e alunos.



Para enfrentar o desafio de superação de problemas inerentes às aprendizagens, os professores sustentaram-se numa panóplia de plataformas digitais: Moodle, E-schooling, Zoom, One Note, Escola Virtual, Kahoo ou Mentimeter, Prezi, e o famoso Teams da Microsoft. Tal como em março do ano passado, são também disponibilizados múltiplos recursos didáticos digitais pelas editoras de livros escolares. O atual período pandémico, que agora vivenciamos fez com que continuássemos mergulhássemos no caos no que diz respeito à educação, bem como noutras áreas da sociedade igualmente importantes. Este caos deu lugar a reflexões e à experimentação de novas possibilidades e oportunidades de utilização de meios digitais para difusão e desenvolvimento das atividades letivas. Estas reflexões e novas experiências trazem à tona uma maior capacidade de adaptação às adversidades que se desejam ultrapassáveis com sucesso, criatividade e inovação pedagógica.

Entrámos no séc. XXI e desejamos desenvolver uma escola de futuro, todavia temos assistido a uma desvalorização da tecnologia mais desenvolvida e avançada nos ambientes educativos, como o uso de quadros interativos em contextos de sala de aula, uma vez que as práticas do ensino adotam um método expositivo e tradicional encontrando alguma resistência em se adaptar à sua utilização. É necessário criar conteúdos programáticos que permitam o uso do digital para que se tornem autênticos instrumentos de apoio ao processo de ensino, o que pressupõe, relativamente ao corpo docente uma tendência para o questionamento das suas práticas pedagógicas. Além disso devem também ser sensíveis às crescentes modificações provocadas pelos meios tecnológicos no desenvolvimento cognitivo. A implementação da modalidade de ensino remoto, teve enormes implicações na pedagogia e profissionalismo do corpo docente sendo necessário defender a ideia de que, o recurso às novas tecnologias permite minimizar os impactos gerados pela pandemia e muitos defendem até que possa ser uma oportunidade para revolucionar o sistema de ensino.

Em relação ao uso do digital, e de acordo com a classe dos professores, há uma divisão nas opiniões sobre a importância futura do ensino à distância. Defende-se, por um lado uma ideia de que existem escassos recursos, pouca formação e por outro, existe por vezes pouca orientação pelos líderes escolares e por todo o sistema igualmente despreparado na dimensão tecnológica para lidar com a crise pandémica.



A realidade ocorrida durante este período atípico fez realçar a perceção de que é necessária uma maior formação para os professores e como consequência há falhas e atrasos evidentes na exposição das aulas no modelo de ensino remoto.

Ao que parece, este desafio ainda sobressalta muitos professores e uma parte significativa não sabe como proceder, porque tiveram pouco tempo para se familiarizarem e dominarem as ferramentas tecnológicas e a gestão de novas plataformas, sendo certo que, a própria metodologia de e-learning difere relativamente ao ensino em sala de aula. Por outro lado existe o problema relacionado com a idade avançada destes profissionais, sobretudo dos mais velhos em que as competências digitais são menores, porque nunca precisaram ou porque, e em muitas situações as suas casas não estavam providas das infraestruturas necessárias para a realização de aulas em regime virtual. Todos estes aspetos desencadearam um aumento do nível de ansiedade nos professores, bem como um aumento da carga de trabalho. As dificuldades apresentadas ao nível da utilização das novas tecnologias de informação é também causa de um excessivo desgaste apresentando por vezes níveis de exaustão e cansaço decorrente de múltiplos condicionalismos que passam pela necessidade de adequação a um modelo de ensino remoto e inovador não só para realização das atividades escolares, mas também pelo facto de apresentar uma maior complexidade.

Para minimizar o impacto do uso dos meios tecnológicos e o sentimento de angústia e stress é fundamental que a formação inicial para professores, e mais ainda a formação contínua, lhes transmita uma verdadeira competência para utilização destes novos instrumentos pedagógicos. Não obstante a maioria dos docentes ter possuído ao longo do seu desempenho profissional algum tipo de formação no âmbito das tecnologias de informação e comunicação (TIC), essa formação revela-se tendencialmente escassa, pois está apenas confinada a um período temporal específico e de certa forma, desajustada ou desatualizada perante os requisitos pragmáticos que agora são exigidos, não só por parte dos alunos, mas também pelas famílias destes e da sociedade em geral. Com a distância física, fazer um acompanhamento de todos os alunos e satisfazer as suas exigências específicas face a cada um acentua ainda mais este desgaste físico e intelectual. Denota-se uma perceção de que a atividade profissional com a preparação das aulas assíncronas aumentou os horários de trabalho e tomou



conta das rotinas destes ao invadir a sua casa e dificultando a separação entre o trabalho e a vida familiar.

As tecnologias possibilitam, na realidade, uma maior autonomia dos alunos (dos níveis de ensino mais avançados) na modalidade de ensino remoto, processo determinantes para que se possam tornar independentes de forma a aprenderem a trabalhar e a pesquisarem de forma livre, todavia, esta premissa nem sempre é comum a todos com a mesma facilidade. Verifica-se uma dependência na qualidade de acesso ao ensino muito para além da natureza, procedência económica e social das famílias. O sistema de ensino não pode refletir nem se limitar a imitar as assimetrias que recebe e a considerar que o maior denominador do sucesso continue a ser a herança social e económica dos encarregados de educação. Há uma dependência na qualidade de acesso ao ensino muito para além da natureza, procedência económica e social das famílias.

Esta crise expôs de forma clara a fragilidade das escolas que estão inadequadas e desajustadas face às desigualdades de todo o sistema por que é regida, conjugando fatores como a equidade e a oportunidade educativa. Este período atípico veio demonstrar que pode haver métodos de substituição célere, através do uso de tecnologias e que simultaneamente não deixam de ser pobres comparando com todas as ambiências que caracterizam a escola. Este processo exige proximidade, exige encontro porque, a escola é uma prova viva de relações humana. Muita paciência e tolerância se pede, tal como empatia e tempo, muito tempo. Estes parecem ser os ingredientes exigidos, em grande quantidade aos professores do ensino básico, uma vez que, devido à idades destes alunos, se torna mais difícil captar a sua atenção, mantendo-a de forma mais prolongada e focalizada nas aprendizagens de sala de aula. Daí o facto de o ensino à distância não estar tão acerrimamente implementado nos níveis de ensino mais básicos, não obstante, este ser um período de exceção, sendo pedido um esforço acrescido a todos os docentes alunos e encarregados de educação.

4. A Superação

Mas nem tudo foi entrave e dificuldade, muito pelo contrário. Os professores apresentaram também uma enorme superação sobretudo em relação á construção de outros espaços/tempos de aula, mais especificamente de salas virtuais que



potencializou outras formas de comunicação mediadas pela tecnologia, e ofereceu não só limitações e desafios, como também novos conhecimentos. Neste sentido, a aprendizagem dos professores relacionadas com o ensino remoto destacou processos de adaptação, de descobertas, de experimentação e utilização de novas ferramentas tecnológicas e estratégias metodológicas, novas maneiras de se relacionar com seus alunos que passou por um maior conhecimento pessoal e emocional. O ensino virtual veio mesmo para ficar e ganhou mais força. Agora o ideal, será adotar uma conjugação de ensino presencial como o ensino remoto, ou seja, a adoção de um modelo híbrido. Foi o gosto pelas aulas presenciais que ganhou força, independentemente da boa adaptação ou não ao ensino remoto. Desta constatação podem tirar-se algumas elações que se prendem com a importância do papel do professor ou mesmo com a flexibilização dos horários, autonomia dos alunos e gestão do próprio tempo, conjugando com a necessidade de organização pessoal e familiar, relativamente aos interesses e necessidades, e subjacente colaboração entre colegas ou mesmo com a coordenação pedagógica, não excluindo a transferência de experiências de outros campos de atuação profissional. Durante este período, os professores também descobriram novas formas de adaptação e adequação de ajustadas ferramentas tecnológicas apesar de se compreender que não se aprende mais por se estar mais tempo em frente ao computador. Pelo contrário, este tempo excessivo cria nos alunos uma reação de maior repulsa. A teimosia por parte dos professores em realizar aulas totalmente síncronas através da reprodução de horários presenciais traduz-se por vezes, de forma desfavorável, numa fonte "brutal" de stress tanto para os alunos e professores como para as respetivas famílias. Portanto é conveniente, e é uma lição aprendida durante o primeiro confinamento que os momentos de aulas síncronas não devem ser demasiado alongados, deve gerir-se em conformidade e com alguma flexibilidade os tempos letivos e de presença em frente ao computador, reportando-nos a situações diversas já vivenciadas por professores a alunos.

Um outro aspeto não menos importante relaciona-se com um maior domínio e utilização, cada vez mais integrado das novas tecnologias de informação. Sendo que, quem as usava frequentemente continuou a fazê-lo e quem utilizava com menor regularidade foi-se juntando e partilhando com os colegas promovendo momentos de



cooperação e colaboração tão importantes e desejáveis no sistema de ensino. Assim, passaram de forma colaborativa, a usar as plataformas digitais no desenvolvimento das suas atividades, sendo certo que essa aprendizagem e experiência de utilização do digital vai ser mais desenvolvida e implementada num futuro não muito longínquo.

Este processo de confinamento foi mais uma prova superada pelos professores que se desafiaram a exercer uma maior adaptação e flexibilização em relação a uma nova modalidade de ensino / aprendizagem com recurso à utilização de ferramentas tecnológicas o que gerou por um lado algum sentimentos de insegurança, dúvidas e também muita sobrecarga de trabalho; motivação e preparação dos alunos para a nova modalidade de ensino remoto; múltiplas dificuldades enfrentadas pelos estudantes que impactaram também na relação pedagógica, por outro lado, em relação aos desafios colocados pelo novo contexto laboral, adquiriu-se a ideia de aquisição de múltiplas aprendizagens educativas tais como: adaptação, descobertas, experimentação e utilização de novas ferramentas tecnológicas e estratégias metodológicas; o desenvolvimento de novas maneiras de relacionamento com seus alunos. O grande ensinamento que a tutela e as lideranças escolares podem retirar desta pandemia têm a ver com uma encoberta forma de abandono escolar, não visível de forma direta e que se prende com uma consciência de desigualdades múltiplas.

A necessidade de busca permanente de soluções alternativas ao tradicional quadro negro tem sido deste modo, a causa da grande evolução no processo educativo, a par das constantes readaptações por parte dos professores, o que permitirá implementar pelas instituições de ensino, num curto prazo de tempo. práticas de ensino inovadoras. As escolas podem agora pensar e terão uma excelente oportunidade para fomentar novos métodos de ensino combinando de melhor forma as novas tecnologias com as atividades presenciais. Pensar novos métodos e modelos de ensino alternativos, mesmo como a exigência de aulas à distância, que nem sempre decorrem de uma boa adaptação ao ensino remoto foi a força e o incentivo para uma visão futura cujo o objetivo passará por reconhecer cada avanço que fomos obrigados a desenvolver e planear um futuro tendo como referência o período pandémico que atravessamos. Temos que ter a noção de que somos capazes de realizar práticas interessantes, importantes e inovadoras com os meios que nos são postos à disposição porque o que



é verdadeiramente importante passará por juntar as boas práticas e vontades de toda a comunidade educativa.

5. Evidências e expetativas

Em jeito de retrospectiva vamos agora entrar em desconfinamento com a certeza de que, à semelhança de outros tempos, retiramos sérios ensinamentos e aprendizagens perante a incerteza da Vida. É certo que ainda estamos longe de derrotar o inimigo e não podemos estar felizes perante o contexto social em que o país está imbuído, mas podemos alegra-nos perante as oportunidades de avanço e crescimento que ocorreram de forma súbita e sem tempo hábil para uma ideal adaptação e diminuição receosa do uso do digital, que inclui o ensino remoto.

Perante todas as contrariedades foi possível demonstrar, de forma clara as seguintes:

Evidências de superação face ao segundo período de confinamento:

- Maior aproximação entre pais e filhos;
- Alunos mais autónomos e professores mais criativos;
- Mais plataformas digitais e mais tecnologia nos processos de ensino;
- Maior valorização do papel do professor;
- Aulas mais personalizadas e uso contínuo da tecnologia: com aulas remotas;
- Pais com melhor noção sobre a importância da participação ativa na escola;
- Aulas mais personalizadas, mesmo com maior carga horária;
- Maior autonomia em organizar os tempos e os espaços de estudo (nos anos de escolaridade mais avançados).

Evidências das dificuldades face ao segundo período de confinamento:

- Alguma dificuldade de acesso dos alunos aos meios tecnológicos;
- Falta de formação de professores;
- Impacto acrescido das desigualdades sociais;
- Maior isolamento e diferenças sociais;
- Fragilidades e restrições de acesso à internet;
- Pouca autonomia em organizar os tempos e os espaços de estudo (nos anos de escolaridade Iniciais).

